

## EDITORIAL

Deise Luiza da Silva Ferraz<sup>1</sup>

Prezados leitores

Prezadas leitoras,

*Aquele abraço...* eis a imagem registrada pelo olhar atento de Macedo que fecha a última edição da RBEQ em um ano no qual experimentamos situações inusitadas na economia, na política, nas organizações e, sobretudo, na alma. Experimentamos a experiência coletiva da ausência do outro ser. Ausência fatal, serão mais de 170 mil gentílicos que não presenciarão o chegar de 2021. Ausência de sentidos, ou melhor, de sentir a outra pessoa. “A textura, o cheiro, o gosto de gente” nos foram surrupiados por um vírus. Ver e ouvir foram os sentidos que nos permitiram manter os laços afetivos, acolher e ser acolhidos e acolhidas.

Acolhimento, uma palavra muito utilizada quando não só a ausência do outro ser nos toca, mas também a insegurança sobre o amanhã, a insegurança sobre o ter vida e sobre o ter condições de vida. Ausência de emprego, de renda, de condições de trabalho, dentre tantas outras ausências, compõem esse conjunto complexo de fatores que recolocam o aumento da violência, do feminicídio, do racismo, das lgbtfobias... o vírus, biologicamente, não tem gênero, raça ou classe; mas ao ingressar no social, as condições marcadas pela classe, pela raça, pelo gênero, pela geração potencializam o agir do vírus ao mesmo tempo em que podem obstaculizar o enfrentamento a ele. Para compreender a construção histórica dessas condições no Brasil, essa edição traz o texto de Henrique Coelho *O Capitalismo no Elo Débil: para uma Crítica dos Elementos Constitutivos do Atraso Brasileiro*. Se as reflexões de Coelho

---

<sup>1</sup> Editora-chefe da Revista Brasileira de Estudos Organizacionais. Professora Adjuntano Departamento de Ciências Administrativas e Professora Permanente do Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração - Cepead - da Faculdade de CiênciasEconômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do Núcleo deEstudos Críticos Trabalho e Marxologia (NEC-TraMa). Doutora, Mestra e Bacharela emAdministração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

trazidas a partir da volta a três pensadores clássicos colocam em tela elementos constitutivos do desenvolvimento do capitalismo no Brasil; o texto de Thiago Martins Jorge *Ações e Reações dos Gestores do Capital no Brasil (2004 – 2017)* apresenta elementos para uma leitura de como a atuação de indivíduos em prol dos interesses da reprodução da sociabilidade do capital contribuiu para produzir o Brasil recente. Os interesses do grande capital também estão expressos no texto *Crime & Castigo: narrativas sobre o rompimento da barragem da Vale em Brumadinho* que apresenta o resultado das pesquisas desenvolvidas por Marcella Teixeira, Thiara Rodrigues, Iamila Resende, Altair Bessoni da Silva e Armindo dos Santos de Sousa Teodósio. Porém, Marcella Teixeira e colegas não apresentaram somente narrativas do capital, mas também aquelas construídas pelas pessoas atingidas, trabalhadores e trabalhadoras que sentiram na tragédia, o crime; e resistiram! Resistência... resistências, também constituem o ser do Brasil e elas são múltiplas e diversas. E, talvez, um dos modos de também apreendê-las em toda sua expressividade seja viabilizado pelas contribuições trazidas por Simony Marins e Eduardo Davel que, ao refletirem sobre *Etnografia Estética na Pesquisa em Estudos Organizacionais: Princípios, Processos e Desafios*, chamam a atenção para a capacidade de a etnografia estética desvelar novas “técnicas sensitivas, emocionais e estéticas, os novos tipos de registros sensoriais, a criação de métodos artísticos e corporais de forma sistemática.”. E, se existe algo que as práticas coletivas de resistência aprenderam ao longo da história de lutas foi expressar-se por meio de novas formas estéticas e afetivas. Nesta edição, em especial, a relação entre resistência e afetividade está sublinhada no texto *Assédio em uma Escola de Administração: o que um ‘coletivo’ Feminista tem a ver com isso?* de Magdalena Coelho e Bruno Martins foi colocado em tela o processo de construção de um coletivo feminista em um espaço que, em geral, rechaça a existência de práticas machistas. Magdalena e Bruno, demonstraram ainda como as práticas de resistência são perpassadas pela afetividade, algo que nos é tão caro nesse momento. O texto de Viviani Santos e Marcio Cassandre segue na trilha dos estudos das resistências e métodos de pesquisas. No texto *Aprendizagem Organizacional da Libertação: Manutenção da ordem ou cultivo de uma semente transformadora?*, Santos e Casagrande contribuem para pensarmos a possibilidade das práticas de intervenção de pesquisa colaborarem com a produção de práticas de resistência de trabalhadores e trabalhadoras. Conforme coloca os autores, ainda que tais práticas de intervenção não promovam a emancipação radical do sujeito, elas podem contribuir para a

---

reflexão emancipadora. Neste sentido, cabe frisar uma indagação: poderia a pesquisa contribuir para a emancipação radical? A resposta a essa pergunta não deixa de estar sublinhada na *Pensata Mensagem às Pesquisadoras e Pesquisadores: os desafios que enfrentamos e os compromissos que temos* de José Henrique de Faria. Mensagem proferida na Assembleia de passagem de mandato - aproveitamos o ensejo e agradecemos aos pesquisadores e as pesquisadoras que se colocaram à disposição para conduzir a Sociedade no próximo biênio - em que, de modo magistral, o ex-presidente da Sociedade Brasileira de Pesquisadores e Pesquisadoras em Estudos Organizacionais nos provoca a refletir sobre os desafios que temos na produção de um conhecimento comprometido com as superações de todos os problemas sociais, sem ordem de prioridades, afinal, enquanto um único indivíduo não for realmente livre, não seremos realmente emancipados e emancipadas ou, nas palavras do bom velho: “o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos” (MARX; ENGELS, 1998, p. 59).

Emanciparmo-nos das condições que limitam o livre desenvolvimento de todos os nossos sentidos e nossas potencialidades humanas, eis um projeto que segue na ordem do dia para o próximo ano. Para algumas pessoas, projeto muito utópico, para outras, uma realidade a ser construída e, de modo geral, um desejo íntimo que muitas vezes alimentamos mesmo sem saber, mas por sentir que as dores do mundo não podem continuar. Algumas dessas dores estão retratadas nos textos desta Edição em cuja capa figura a lembrança de um acolhimento, com a intenção de que os leitores e as leitoras da RBEQ sintam-se abraçados e abraçadas durante esta leitura de final de ano!

Com sinceros votos de um próximo ano de muita resistência para enfrentar os desafios presentes, nos despedimos de 2020.